

**A TRANSIÇÃO DA MONARQUIA A REPÚBLICA NO BRASIL NAS  
REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DE MACHADO DE ASSIS<sup>14</sup>**

***THE TRANSITION FROM MONARCHY IN BRAZIL IN THE  
REPUBLIC OF MACHADO DE ASSIS LITERARY REPRESENTATIONS***

Luiz Carlos Bento<sup>15</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende analisar as representações sociais da passagem da Monarquia a República no Brasil, numa visão historiográfica, objetivando compreender a crise e o declínio da Monarquia, buscando trabalhar as obras de Machado de Assis enquanto fontes históricas, procurando compreender as formas diferenciadas de representações do tempo e dos acontecimentos produzidas pela literatura. A proposta não é fazer uma apropriação arbitrária da literatura pela história ou vice-versa, mas sim trabalhar em uma perspectiva histórica analisando o acontecimento de 1889 numa perspectiva ampliada, buscando atingir as representações sociais do período e procurando realçar a importância da literatura para a história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transição, Representação, Literatura e História.

**ABSTRACT:** This article pretends to analyse the social representations of the Monarchy moving times to Brazilian Republic, using a historiography vision. The text aims to understand the crises and decline of the Monarchy in Brazil. It uses the works of the novelist Machado de Assis as a historic material, trying to understand some historic representations of this time and events revealed by Literature. It doesn't aim to take the informations in arbitrary way of the history and literature, but it has been written in a historic perspective, studying the 1889 events in wide perspective, searching the period social representation reach, and it tries to show the importance of Literature to History.

**KEY-WORDS:** Transition. Representation. Literature. History.

---

<sup>14</sup> Este artigo foi desenvolvido em duas etapas, inicialmente ele derivou de pesquisas desenvolvidas sobre as obras *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*, sendo que grande parte destas pesquisas foram sob minhas orientações direcionadas para a realização da monografia do aluno Valdecy Martins de Almeida ao longo do ano de 2008, sendo ele o responsável pela primeira concepção deste texto. Esta versão preliminar é o primeiro esboço do texto final do projeto de pesquisa intitulado: *A transição da monarquia a república no Brasil nas obras de Machado de Assis* inscrito na Pró-Reitoria de Pesquisa na UEG sob minha coordenação.

<sup>15</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás, professor de Teoria da história e historiografia brasileira na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: luizc.bento@yahoo.com.br. Artigo recebido em: 08/11/2010, e aceito em: 15/12/2010.

As representações sociais da passagem da Monarquia à República no Brasil na visão historiográfica são muito frequentes nas quais diversos autores trabalham, buscando de várias formas entenderem o processo histórico de transição da Monarquia a República no Brasil. Mas antes mesmo de focar e discutir sobre as representações dos diversos autores seria essencial compreender mais claramente o que vem a ser “Representação Social”.

Acompanhando as reflexões clássicas de Roger Chartier podemos afirmar que representação social é o conjunto de explicações, crenças e idéias que nos permitem evocar um dado acontecimento, pessoas ou objetos. Essas representações são resultantes da interação social de um determinado grupo de indivíduos e converteu-se nos últimos anos em uma categoria central da História Cultural.

Para Roger Chartier, a história cultural se divide entre práticas e representações onde a história cultural, tal como entendemos, tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída e dada a ler. Surge então nessa realidade social as lutas de representações para organizar o mundo social como categorias fundamentais da percepção e de apreciação do real. Essas lutas de representações para organizar o mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real, têm uma grande importância quanto às outras lutas como a econômica, por exemplo, como demonstra Roger Chartier:

*As lutas de representações têm tanta importância como às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1988, p.17),*

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construído social e historicamente se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Esses símbolos possuem suas identificações como demonstra Chartier:

*Será necessário identificar como símbolos e considerar como “simbólicos” todos os signos, actos ou objectos, todas as figuras intelectuais ou representações colectivas graças aos quais os grupos fornecem uma organização conceptual ao mundo social ou natural, construindo assim a sua realidade apreendida e comunicada. (CHARTIER, 1988, pg.19)*

Portanto a função simbólica se define como uma lição mediadora que informa as diferentes modalidades de apreensão do real que opera por meio dos signos lingüísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos do conhecimento científico.

O objetivo da teoria das representações sociais é explicar os fenômenos do homem a partir de uma perspectiva coletiva, sem perder de vista a individualidade. Essa perspectiva coletiva é o homem no meio do social, abrangendo toda sociedade. Chartier traz uma melhor definição de representação coletiva:

*A noção de representação coletiva, entendida no sentido que lhe atribuíram, permite conciliar as imagens mentais claras - aquilo que Lucien Febvre designava por os "materiais de idéias", com os esquemas interiorizadas as categorias incorporadas, que as gerem e estruturam. (CHARTIER, 1988, pg.19)*

Os fenômenos coletivos não podem ser explicados em termos de indivíduo, pois ele não pode inventar uma língua ou uma religião. Esses fenômenos são produtos de uma comunidade, ou de um povo. A representação coletiva nessa concepção é o indivíduo em uma determinada sociedade misturando se com a cultura local, cultura que se relaciona e compreende tudo em volta desse indivíduo.

As representações só podem ser construídas a partir das acepções antigas, onde para se compreender o mundo real é necessário voltar ao passado e compreender os fatos passados, para então prever o futuro, como demonstra Chartier:

*Deste modo, a noção de representação pode ser construída a partir das acepções antigas. Ela é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo regime, quanto pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as gerações intelectuais que lhe permitem apreender o mundo. (CHARTIER, 1988, p.23)*

O historiador não deverá pautar só no presente, ou só no passado, mas sim buscar compreender o presente, pois para ter uma análise compreensiva do mundo real, ele deverá compreender o processo histórico que desencadeou esse mundo. A história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido.

Portanto, o historiador vê como registro de significado para as questões que levanta, as representações do acontecido, que o mesmo visualiza como fontes ou documentos para sua pesquisa. Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador. Mas não esqueçamos que o

historiador da cultura visa, por sua vez, reconstruir com as fontes as representações da vida elaboradas pelos homens do passado. Sendo esta fonte como representação do passado, meio que permite o historiador chegar às representações construídas no passado. Mais que um mero jogo de palavras, este raciocínio não leva a desconsiderar a realidade sobre a qual se construíram as representações, mas sim a entender que a realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações. Isso fará da história também uma narrativa de representação do passado, que formula versões – compreensíveis plausíveis, verossímeis – sobre experiências que se passam por fora do vivido.

Portanto a representação é uma ferramenta teórica que serve para compreender e caracterizar alguns aspectos emergentes e importantes na maior parte das sociedades contemporâneas. Portanto sua afirmação de que o meio transmite, além da mensagem, algo que lhe é inerente, *a representação*, contribui de forma considerável para a compreensão de representação. “Chartier observa que investigar as representações,” supõe-nos como estando sempre colocado num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.

E é partindo desse conceito de representações que iremos abordar a “passagem” da Monarquia a Republica no Brasil, através da historia e da literatura. Utilizando a literatura como fonte histórica, para trabalhar as representações que Machado de Assis elaborou sobre a sociedade brasileira, destacando a maneira que ele escrevia; transformando a vida social em arte.

Representação pode se dizer que é apresentar para a sociedade ou para determinado grupo social algo que para a maioria é desconhecido. Notamos que a Literatura é uma representação, pois, é produto de uma construção simbólica da sociedade, ou seja, o literato observa a sociedade que por sua vez ele está inserido e a partir disso inicia-se uma representação de forma direta ou indireta, que são utilizados romances ou personagens fictícios, onde expressam as relações sociais e culturais de uma determinada sociedade.

*Não há dúvida que uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no espaço e no tempo (CHALHOUB e PEREIRA, 1998, p.17).*

Com isso percebemos que o livro do escritor é fruto de seu tempo, sendo preciso respeitar os interesses e vontades do autor, para não basearmos somente no que ele escreve tornando-o como verdade absoluta, pois como ele estava inserido nos fatos não percebeu a amplitude dos mesmos por causa da dificuldade de pensar sobre tais fatos vividos. Isso acontece com todos nós, quanto mais longe do acontecido maior é a facilidade de analisar tal acontecimento, pois, ficamos imersos ao ocorrido tendo uma visão mais ampla onde os fatos já têm um fim ou estão encaminhando para este fim. Como estamos distantes cronologicamente do objeto analisado temos mais facilidades de fazer uma nova interpretação atribuindo novos sentidos e localizando-se no tempo onde se deu tal fato.

A partir disso a História usa a Literatura como um documento que trabalha algumas realidades que são desconhecidas pela mesma e que por sua vez não se encontra outras fontes para fornecer tais informações que contribuem nas observações que a História faz para compreender as mudanças que ocorreram na sociedade.

Trabalhar com os clássicos literários de Machado de Assis como fonte, requer um olhar mais minucioso nas qualidades dos personagens fictícios para assim conseguirmos extrair fatos de suma relevância para a História. Foi pensando nisso e por estar inserido no contexto histórico aqui analisado que escolhemos duas das obras *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* que fazem parte de uma extensa bibliografia do autor.

Através destas, buscamos interpretar de uma forma minuciosa as questões sociais que influenciaram o escritor de tal forma que conseqüentemente embutiu nas obras literárias os fatos vividos por ele no dia-a-dia. Um exemplo disso são as obras citadas acima que utilizam de personagens para narrar os fatos reais ocorridos entre os anos de 1871 e 1894, de uma forma mais serena, ou seja, Machado de Assis mesmo sendo um literato viveu em um contexto cheio de “mudanças” e que conseqüentemente veio a influenciar em suas obras.

As duas últimas obras de Machado de Assis estão sendo observadas por terem sido escritas em um contexto histórico de suma importância para nossa História que é o final do Império e início da República. Mediante tal apreciação podemos perceber na obra *Esau e Jacó*, que os personagens não estão representando uma pessoa e sim a sociedade na qual o literato está inserido, Machado de Assis nessa obra traça perfis de personagens bíblicos para explicar valores e costumes de um momento político dos seus personagens os gêmeos, Pedro e Paulo que se deu naquele contexto histórico delimitado

entre o fim do Império brasileiro e os primeiros anos da República, sendo a mesma contemplada com conflitos reais ocorridos na política do país.

Há uma discordância entre os gêmeos que se iniciou desde o momento em que estavam sendo gerados. Pedro agia com cautela, porém era dissimulado, estudava direito e tinha tendência a uma política Republicana, diferente de Paulo que tinha uma natureza arrojada e impetuosa e estudava medicina sendo conservador, observa-se que ambos participavam de partidos opostos e se tornaram implacáveis inimigos.

Os conflitos se davam devido aos gêmeos representarem duas nações no próprio Brasil, ou seja, a divisão do país entre Monarquia e República, além disso, observa-se que até hoje na primeira década do século XXI, ainda existe uma divisão do país entre o conservadorismo e o “progresso”, entre a miséria e a luxúria e tantos outros problemas que fazem com que o país seja repleto de linhas imaginárias que o divide entre a sociedade ou que divide a sociedade nele. Porém, não iremos aprofundar neste assunto por que esta não é a proposta deste trabalho.

No entanto, embasados na obra literária *Esau e Jacó*, percebe-se que houve devido à alta lucratividade do café, uma mudança no poder para o domínio de outro grupo formado pela conquista da força, isso foi colocado na obra literária onde o irmão mais novo pega para si a posição que era do irmão mais velho (isso de acordo com a ordem de saída do útero da mãe), ou seja, um novo grupo de cafeicultores alcança o status que era dos nobres.

Desta forma, podemos dizer que o declínio da Monarquia e o início da República se compõem pela formação de uma elite agrária que reivindica poderes e termina com o centralismo do Império onde se inicia uma “nova” forma de governo que poderia servir melhor, o conservador e o liberal. Chegamos a tal análise por observar o personagem maltrapilho como representante de um ideal que não chegou a se concretizar.

Em *Esau e Jacó*, Machado de Assis revela uma fina percepção do fenômeno, na época de seu desenrolar. No capítulo LX – Manhã de 15, narra o passeio de Aires por uma cidade convulsa e atordoada, em que ninguém sabe ao certo o que estava acontecendo, mas o que realmente acontecia era a passagem da Monarquia a República no Brasil, veja como ocorreu esse acontecimento na obra *Esau e Jacó*:

*Notou que a pouca gente que havia ali não estava sentada, como de costume, olhando à toa, lendo gazetas ou cochilando a vigília de uma noite sem cama. Estava de pé, falando entre si, e a outra que entrava ia pegando na conversação sem conhecer os interlocutores; assim lhe pareceu, ao menos. Ouviu umas palavras soltas, Deodoro, batalhões, campo, ministério, etc. (...) “Quando Aires saiu do Passeio Público, suspeitava alguma coisa, e seguiu até o largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente parada, caras espantadas, vultos que arrepiavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na Rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas.” (ASSIS, 2007, p.137)*

Apesar de “suspeitar alguma coisa”, depois de ouvir relatos exagerados e desencontrados do cocheiro do tálburi que o levou para a casa e de seu criado José, Aires “não acreditou na mudança de regime (...)”. Também bestializado, como o resto da população, menospreza a situação:

*“Reduziu tudo a um movimento que ia acabar com a simples mudança de pessoal. Temos gabinete novo, disse consigo.” Almoçou tranqüilo, lendo Xenofonte: “Considerava eu um dia quantas repúblicas têm sido derribadas por cidadãos que desejam outra espécie de governo, e quantas monarquias e oligarquias são destruídas pela sublevação dos povos; e de quantos sobem ao poder, uns são depressa derribados, outros, se duram, são admirados por hábeis e felizes...” (ASSIS, 2007, p.138).*

Essa passagem nos mostra como o povo assistiu ao movimento de 1889, eles todos assistiram aquilo bestializados sem saber o que estava acontecendo, por isso alguns historiadores discutem que o povo não teve participação no movimento da transição da Monarquia à República.

A população estava tão incrédula com o que estava acontecendo, e tão insatisfeita com o Império, que até mesmo com o simples nome de Império em qualquer lugar era motivo para intrigas, principalmente com a oposição. Isso é bem representado no livro *Esau e Jacó*, quando o Sr. Custódio pediu para pintar a tabuleta que estava velha e levaria o nome de confeitaria do Império.

Mas ao pedir pra pintar a tabuleta logo lembraram que o nome de Império não era muito eficaz devido à situação que se encontrava o Império, que estava difamado e em crise com a “população” pedindo por reformas e mudanças, portanto o nome de Império poderia fazê-lo perder fregueses e servir para disputas onde o seu estabelecimento levaria a pior..

Pensou também em mudar de título como a confeitaria da República, que era o que o “povo” queria mais não se sabe o que iria acontecer no futuro por isso não arriscou, e sugeriu outros títulos como mostra a obra.

*Ao acordar de manhã não soube logo do que houvera na cidade, mas pouco a pouco vieram vindo as notícias, viu passar um batalhão, e creu que lhe diziam a verdade os que afirmavam a revolução e vagamente a republica. A princípio, no meio do espanto, esqueceu-lhe a tabuleta. Quando se lembrou dela, viu que era preciso sustar a pintura. Escreveu as pressas um bilhete e mandou um caixeiro ao pintor. O bilhete dizia só isto, “com efeito, não era preciso pintar o resto, que seria perdido, nem perder o principio, que poderia valer”. Sempre haveria palavra que ocupasse o lugar das letras restantes. “Pare no D”. (ASSIS, 2007, p. 140.)*

Quando o portador trouxe a notícia da tabuleta que já tinha levado para pintar e que estava pronta:

*Quando o portador voltou trouxe a notícia de que a tabuleta estava pronta.*

*\_Você viu pronta?*

*\_Vi patrão.*

*\_Tinha escrito o nome antigo?*

*\_Tinha, sim, senho: “Confeitaria do Império”.*

*Custódio enfiou um casaco de alpaca e voou à Rua da Assembléia. Lá estava a tabuleta, por sinal que coberta com um pedaço de chita; alguns rapazes que tinham visto, ao passar na rua, quiseram rasgá-la, o pintor depois de a defender com boas palavras, achou mais eficaz cobri-la. Levantada à cortina, Custódio leu: “Confeitaria do Império”. Era o nome antigo, o próprio, o célebre, mas era a destruição agora; não podia conservar um dia tabuleta, ainda que fosse em beco escuro, quanto mais na Rua do Catete...*

*\_O senhor vai despintar tudo isto, disse ele.*

*\_ Não entendo. Quer dizer que o senhor paga primeiro a despesa, depois pinto outra coisa.*

*\_ Mas que perde o senhor em substituir a última palavra por outra? A primeira pode ficar, e mesmo o d... Não leu o meu bilhete?*

*\_ Chegou tarde.*

*\_ E por que pintou, depois de tão graves acontecimentos?*

*\_ O senhor tinha pressa, e eu acordei as cinco e meia para servi-lo. Quando me deram as notícias, a tabuleta estava pronta. Não me disse que queria pendura-la domingo?*

*\_ Tive de pôr muito secamente na tinta, e além da tinta, gastei tempo e trabalho. (ASSIS, 2007, pág. 141)*

Portanto ficava em uma difícil situação o dono da confeitaria, pois o país passava por mudanças, tentando excluir o passado, no qual tudo que se conserva do

passado agora era mal visto, principalmente se retratando o Império. Continuava a indecisão quando Custódio se lembrou do Conselheiro Aires.

*Custódio quis repudiar a dora, mas o pintor ameaçou de por o número da confeitaria e o nome do dono da tabuleta, e expô-la para que revolucionários fossem quebrar as vidraças do Catete. Não teve remédio senão capitular. Que esperasse; ia pensar na substituição; em todo o caso, pedia algum abate no preço. Alcançou a promessa do abate e voltou a casa. Em caminho, pensou no que perdia mudando de título, uma casa tão conhecida, desde anos e anos. Diabos levassem a revolução! Que nome lhe poderia agora? Nisso lembrou-lhe o vizinho Aires e correu a ouvi-lo. (ASSIS, 2007, pág. 141.).*

No meio dessas incertezas, havia no seio da sociedade brasileira as disputas, na qual se destacavam a rivalidade entre os monarquistas e os republicanos, ou seja, os liberais e os conservadores, no poder e continuar governando o país, e os liberais que eram a oposição que lutavam por melhorias, mudanças e “democracia”.

*\_Tanto serve para um regimento quanto para outro.  
\_Não digo que não, e a não ser a despesa perdida... Há, porém, uma razão contra. V. Ex<sup>a</sup> sabe que nenhum governo deixa de ter oposição. As oposições, quando descerem à rua, podem implicar comigo, imaginar que às desafio, e quebrarem-me a tabuleta, entretanto, o que eu procuro é o respeito de todos. (ASSIS, 2007, pág. 142).*

A população cada vez mais se banhava em um mar de dúvidas, onde quase que não sabia o que estava acontecendo e muito menos o que iria acontecer, muitos temiam a República, e outros aguardavam a República, para os que temiam, pensava que a vinda da República causaria o fim de muitas coisas, como demonstra um trecho na obra Esaú e Jacó:

*\_É verdade, conselheiro, di descer as tropas pela rua o Ouvidor, ouvi as aclamações à república. As lojas estão fechadas, os bancos também, e o pior é se não abrirem mais, se vamos cair na desordem pública, é uma calamidade. Aires quis aguietar-lhe o coração. Nada se mudaria, o regime sim era possível, mas também se mudar de roupa sem trocar de pele. Comércio é preciso. Os bancos são indispensáveis. No sábado, ou quando muito na segunda-feira, tudo voltaria ao que era véspera, menos a constituição. (ASSIS, 2007, pág. 145.).*

Para monarquistas como Pedro, esse movimento era um crime, no qual o Imperador iria tomar suas medidas e punir as pessoas envolvidas nesse movimento da

República, pra eles isso era fogo de palha, o que no final tudo voltaria ao normal, como antes, como demonstra a obra Esaú e Jacó.

*Enquanto a cabeça de Paulo ia formulando essas idéias, a de Pedro ia pensando o contrário, chamava o movimento um crime.*

*– Um crime e um disparate, além de ingratidão, o imperador devia ter pegado os principais cabeças e manda-los executar. Infelizmente, as tropas iam com eles. Mas nem tudo acabou. Isto é fogo de palha; daqui a pouco está apagado, e o que antes era torna a ser. Eu acharei, duzentos rapazes bons e prontos, e desfaremos esta caranguejola. A aparência é que dá um ar de solidez, mas isto é nada. Não de ver que o imperador não sai daqui, e, ainda que não queiria, há de governar, ou governará a filha, e na falta dela, o neto. Também ele ficou menino e governou. A manhã é tempo; por ora tudo são flores. Há ainda um punhado de homens. (ASSIS, 2007, pág. 152).*

Portanto os monarquistas, as alas conservadoras e antiliberais ainda tinham esperança, de que todos esses movimentos republicanos iriam acabar, e o velho Império tornaria a ser o regime. Para os oprimidos esse novo regime poderia ser a sua salvação daquele interminável mundo de trabalho e miséria. O manifesto foi um toque para a liberdade, pois ele prometia uma vida liberta das opressões como mostra essa passagem do livro Esaú e Jacó;

*Se tem acabado e publicado o manifesto no dia 4 ou 5, estaria com um documento de resistência na mão para reivindicar um posto de honra qualquer – ou só estima que fosse. Releu o manifesto; chegou a pensar em imprimilo, embora incompleto. Tinha conceitos bons, como este: “O dia da opressão é a véspera da liberdade” (ASSIS, 2007, pág. 159).*

Mas bem antes da abolição já se comentava sobre ela, já tinham algumas notícias sobre a alforria, isso devido ao imperador começar a se ver em uma situação difícil principalmente com o surgimento das novas idéias liberais surgidas na época. O Imperador com medo do futuro resolveu pensar na abolição, e começou a ser notícia por todo o Império como mostra a obra Memorial de Aires. “Campos disse-me hoje que o irmão lhe escrevera, em segredo, ter ouvido na roça o boato de uma lei próxima de abolição” (ASSIS, 2007, p. 25).

Até mesmo nos outros estados imperiais corria a notícia, alegando muitos como os escravos, e entristecendo outros como os proprietários de terras perderem sua principal mão-de-obra, mas o que importa é que a notícia começava a se ramificar pelo Império como demonstra essa passagem:

*Santa-Pia chegou da fazenda, e não foi para a casa do irmão; foi para o Hotel da América. É claro que não quer ver a filha. Não há nada mais tenaz que um bom ódio. Parece que ele veio por causa do boato que corre na Paraíba do Sul a cerca da emancipação dos escravos. (ASSIS, 2007, pág. 26).*

Entretanto no *Memorial de Aires*, cuja narrativa abrange os anos de 1888 e 1889, Machado de Assis, mestiço e discretamente abolicionista, registra com simpatia, sempre através das palavras atenuadas de Aires, o momento em que a Abolição da Escravatura é concretizada. Já em *Esau e Jacó*, a emancipação dos escravos é o único tema capaz de unir as opiniões dos dois irmãos. Mesmo que por razões diferentes, em 1888, ambos a comemoram.

A obra *Memorial de Aires* se traduz como uma continuação da obra *Esau e Jacó*, tendo como ligação central o narrador que por sua vez narra a duas obras. Porém não é isto que nós fez analisar tais obras, o que realmente nos chamou atenção foi o fato de o literato “pegar” a realidade vivenciada naquele determinado momento pelo país e utilizar de sua habilidade de expressão através da literatura para narrar os fatos que ficaram registrados em nossa história. Como afirma Sidney e Leonardo:

*O que será bastante específico na crônica de Machado, e que interessa vivamente demonstrar, é a maneira como ele fez conviver em seu texto a diversidade de sua natureza; como se utilizou do espaço literário da crônica para refletir sobre os acontecimentos da história miúda da vida política e cotidiana do Rio de Janeiro, na metade do século XIX (CHALHOUB e PEREIRA, 1998, p.73).*

Com isso buscamos e percebermos em ambas as obras, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* a amplitude dos fatos e também as reais intenções do autor ao escrever as mesmas, além disso, houve a intenção de perceber nas entrelinhas quem eram os personagens e o que queriam transmitir. Observando a obra *Esau e Jacó*, de início percebe a intriga dos gêmeos que representavam um grande conflito político que teve no período em que a obra foi escrita. Outro personagem que nos chamou a atenção foi o conselheiro Aires que aparece na obra como um velho sozinho, que analisamos como sendo o próprio escritor, pois a obra coincide com o ano da morte de Carolina Augusta de Novais sua companheira, então este vem representar o sentimento do autor naquele determinado momento de sua vida.

Como disse Afrânio Coutinho (1997 p.168), “... Aires, velho diplomata aposentado, que encarna certo aspecto machadiano, aquele que fez merecer a denominação de um Sócrates sem doutrina.” Que não concorda com as idéias políticas pregadas, ao perceber isto busca de alguma forma transmitir ou alertar a sociedade para o que estava acontecendo com o país nas mãos de um poder egocêntrico e centralizador.

O narrador Aires também acompanha o escritor em sua última obra que é Memorial de Aires, neste ele faz uma narração que nos chamou a atenção que é a seguinte:

*Ontem, na reunião do Aguiar, pude verificar que o jovem advogado está mordido pela viúva. Não têm outra explicação os olhos que lhe deita; são daqueles que nunca mais acabam. Realmente, é tímido, mas de uma timidez que se confunde com respeito e adoração. Se houvesse dança, ele apenas lhe pediria uma quadrilha; duvido que a convidasse a valsar. Conversaram alguns minutos largos, e por duas vezes, e ainda assim foi ela que principalmente falou. Osório gastou o mais tempo em mirá-la, e fazia bem, porque o gesto da dama era cheio de graça, sem perder a tristeza do estado (ASSIS, 2007, p.48).*

Ao nosso entender, o advogado representaria os nobres e a viúva seria a República que em seu início ainda estava solitária e desconfiada como uma viúva, uma vez que, naquele período era vista como uma pessoa de respeito e que dedicaria o resto de sua vida aos familiares e vestiria de luto pelo resto de sua vida. Já os nobres monárquicos gostavam da idéia de República que foi introduzida no país, mas ainda tinham receio do novo. Ficavam desconfiados com medo da novidade e também por que não queriam se envolver com ela devido à esperança de que a Monarquia retornaria ao poder, enquanto isso a República foi os envolvendo e cativando até que não tinham mais como sair dos poderes republicanos.

No entanto, a partir da leitura do livro, percebe-se que o literato quis demonstrar em uma narrativa que ambos os poderes, monárquico e republicanos, não existiram por acaso e que eles já defendiam seus ideais há muito tempo, o que houve foi uma insatisfação política com o poder monárquico, onde este veio a se declinar e por consequência assume o poder republicano. Tais análises foram feitas a partir da seguinte narração:

*Ao fundo, à entrada do saguão, dei com os dois velhos sentados, olhando um para o outro. Aguiar estava encostado ao portal direito, com a mão sobre os joelhos. Dona Carmo, à esquerda, tinha os braços cruzados à cinta. Hesitei entre ir adiante ou desandar o*

*caminho; continuei parado alguns segundos até que recuei pé ante pé. Ao transpor a porta para a rua vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que mim pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolar-os a saudade de si mesmos (ASSIS, 2007, p. 152).*

Interpretamos como o encontro da Monarquia e da República, onde o saguão seria o local escuro pelo qual a política de ambos passou e que devido aos mesmos conflitos foram ou serão derrubados (no caso a República) pela sociedade que colocaria no lugar outra forma de governo onde esta se sentiria melhor representada. Depois de um bom tempo houve ou haverá um encontro e talvez uma reconciliação entre ambas, pois, sentem saudades de si mesmas. Ao nosso entender o narrador quis dizer que de alguma maneira em algum tempo histórico haverá um encontro e recordações das lembranças de cada uma para a sociedade passada e presente.

O turbulento período de transição da política brasileira ocorrido no século XIX foi marcado por várias transformações na Europa e no Brasil, onde estava acontecendo à mudança do sistema de produção que até então era sustentada pelos escravos para o sistema de assalariados e também a mudança política, saindo o governo monárquico e entrando o republicano. Isso inspirou ou revoltou alguns escritores como Machado de Assis que se tornou um representante da literatura brasileira que reivindicava ou expressava seus sentimentos através de personagens. Esse realismo literário de Machado de Assis justifica a importância da Literatura para a compreensão dos fatos históricos analisados neste trabalho.

*O povo, no dizer de um dos fundadores da República, assistira “bestializado” ao golpe, e sem consciência alguma do que se passava. Mas a República agiu como bisturi num tumor já maduro; rompeu bruscamente um artificial equilíbrio conservador que o império até então sustentara, e que dentro de fórmulas políticas e sociais já gastas e vazias de sentido, mantinha em respeito às tendências e os impulsos mais fortes e extremados que por isso se conservavam latentes. Estes se fazem então sentir com toda sua força longamente reprimida, abrindo perspectivas que a monarquia conservadora contivera ou pelo menos moderara muito (JUNIOR, 1998, p.208).*

Nas obras de Machado de Assis, analisa-se que tempo e espaço são indissociáveis, pois fatos e ações se processam em um determinado momento histórico e em um espaço físico específico, isso faz com que se tenha sobre elas, um olhar minucioso para sugar

todas as possibilidades e compreensões possíveis de resgatar daquele período histórico em que tal escritor estava inserido. Claro que não conseguiremos esgotar as fontes de pesquisa em relação ao autor e ao contexto histórico e nem é nossa intenção. O que pretendemos aqui é compreender um pouco mais dessa riqueza que temos em nossas mãos, pois, podemos dizer que os clássicos machadianos vão além de seu tempo e a questão de seu estilo vai se revelando aos poucos o que faz dela inconclusa e inesgotável.

Não foi o ofício de escrever, para esse espírito singular, que chamou a si a tarefa de interpretar a vida por intermédio da expressão literária, nem um mero passatempo, nem a satisfação episódica da necessidade de expressar movimentos eventuais da sensibilidade. Mas sim o exercício cotidiano, tornado habitual, de aproveitar a experiência de todos os dias no trabalho paciente e constante de modelá-la em formas mentais, cada vez mais acabadas e perfeitas... Não se obtém esse efeito pela comunicação direta do sentimento, muito menos na reprodução servil daquilo que os realistas e os naturalistas chamavam de real ou natural, mas na objetivação perfeita de formas mentais que se incorporam a uma matéria adequada, criando entidades novas, conjuntos significativos e coerentes (COUTINHO Apud CHALHOUB, 1997, p. 152 e 153).

Somente Machado de Assis conservava o segredo clássico e meditava a obra universal que iria ser depois a mais brasileira de todas. Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo; é certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (COUTINHO Apud CHALHOUB, 1997, p.158).

Machado descobriu enfim a sua vocação verdadeira: contar a essência do homem, em sua precariedade existencial. As suas personagens não apresentam mais uma estrutura moral unificada e típica. São antes seres divididos consigo mesmos, embora sem lutas violentas, já naquele estado em que a cisão interna entra no declive dos compromissos e da instabilidade de caráter. O homem não é mais aquele ser responsável dos romances anteriores: é um joguete de forças desconhecidas. O seu livre arbítrio está limitado não só pelos obstáculos que a natureza indiferente oferece, mas pelas condições e perplexidades internas. A duplicidade da consciência moral é revelada a

cada passo, e encontra uma esplêndida expressão no episódio de Brás Cubas com Virgília, antigo amor da adolescência, que ele vem encontrar casada, numa noite de baile (COUTINHO Apud CHALHOUB, 1997, p. 159).

O conselheiro olha as coisas com uma perfeita isenção, que não é de modo algum indiferença, mas ausência de emoção. Retira delas para seu uso o puro interesse de um humanista, mas conserva a alma igual, porque esse interesse é distante e não inclui um compromisso pessoal com os acontecimentos. Vem daí a sedutora impressão que nos deixa essa figura polida, culta, viajada, vivendo num outro tempo, e que aproveita agora os anos de disponibilidade para levar uma existência oblíqua de espectador, ao mesmo tempo experimentado e pueril, da vida que se agita em torno dele (COUTINHO Apud CHALHOUB, 1997, p. 168).

O velho conselheiro é viúvo, estado que será o de Machado ainda nesse mesmo ano. Carolina, a sua companheira da longa vida, estímulo e colaboradora da obra, mal puderam ler o livro que era publicado pouco antes de sua morte. A viuvez de Aires não tem a dramaticidade da outra, a do escritor, e é dada como já antiga, de modo a não perturbar os seus movimentos atuais. Acentua-lhe apenas a condição de solitário, vivendo sozinho com o criado, numa casa do Catete, e explorando os bairros e os logradouros que acordavam nele uma infinidade de ecos, como se fossem as próprias vozes antigas (COUTINHO 1997 Apud CHALHOUB, p.169).

O *Memorial* é melancólico, mas é um depoimento em favor da vida. A presença ausente de Carolina continua a criar nele, no fundo dele, uma expectativa que transparece na sua correspondência e que o Conselheiro Aires reproduz, referindo-se à esposa morta: quando eu morrer irei para onde ela estiver, no outro mundo, e ela virá ao meu encontro O pensamento da morte não o abandona mais, e o envolve na sua expectativa dolorida. O cansaço de viver e ao mesmo tempo a saudade da vida vão se alternando e comendo-se no corpo e no espírito. Torna-se a animar nos seus últimos dias. É a transfiguração. Machado de Assis começa a morrer. E, na longa e triste agonia a dor o transformara. A petulância do espírito foi convertida em mansidão, a ironia, em piedade, a desconfiança em abandono, a dúvida em esperança de outra vida (COUTINHO Apud CHALHOUB 1997, p.171 e 172).

A partir das atentas análises machadianas, foi possível compreender as relações entre os homens e a sociedade, pois, ele aborda o processo de formação e desenvolvimento do país e as bases em que se assentava à cultura, a economia, a

política, enfim os valores do século XIX. Os conflitos sociais são captados em suas obras o que demarca a sua importância enquanto registro de memória de um período.

O objetivo deste trabalho foi buscar as interpretações sociais da “passagem” da Monarquia a República no Brasil, tendo como fontes as representações literárias de Machado de Assis, sendo trabalhadas as obras, *Memorial de Aires* e *Esau e Jacó*, procurando compreender as representações da sociedade brasileira no período de transição da Monarquia à República no Brasil entre os anos de 1889 e 1900.

A aproximação com a literatura possibilita uma compreensão mais ampla e aprofundada das relações intersubjetivas, que por vezes escapam à historiografia; sobretudo as produzidas pelos historiadores do IHGB, para alcançar este objetivo foi realizada uma leitura comparativa, relacionando os textos literários com a historiografia, posto que nossa proposta não foi fazer uma apropriação arbitrária da literatura pela história, ou vice-versa, mas sim trabalhar as representações literárias dentro de uma perspectiva histórica ampliando as possibilidades de se atingir o imaginário social do período.

Desta forma, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* assumem grande relevância no nosso trabalho, visto que nesses romances e contos é possível perceber as posturas políticas de Machado de Assis e também as questões que estavam sendo debatidas no dia a dia dos intelectuais e das pessoas comuns.

A Literatura da segunda metade do século XIX, devido à efervescência das discussões filosóficas e científicas, estava voltada para a reflexão de problemas cotidianos. Possibilitando uma aproximação da ficção com a realidade onde a criação dos personagens embasava em arquétipos sociais bem comuns. O realismo da literatura machadiana no seu esforço de retratar a sociedade da forma como ela se apresentava imprime a suas obras um caráter menos ficcional, onde as memórias das relações sociais estão presentes de uma forma quase que neutralizada. Esta característica da obra machadiana nos possibilitou uma leitura sociológica do período que enriquece a compreensão histórica.

Em linhas gerais, a proposta deste trabalho foi demonstrar através de uma análise da literatura que cerca este período, que a instituição política da Monarquia desapareceu em 1889, mas as práticas sociais permaneceram por um longo período no seio da sociedade republicana até serem incorporadas tanto pela política quanto pela simbologia da República.

Uma das historiografias base para esse trabalho foi à obra de Emília Viotti da Costa, “*Da Monarquia à República*”, no qual mais precisamente nos dois últimos capítulos da obra vai apresentar um mapa, até certo ponto, interessante para pensarmos este período. De acordo com a autora uma das mais complicadas tarefas de um historiador e saber identificar os acontecimentos e fatos decorrentes do período.

*Uma das tarefas mais difícil do historiador é fazer uma distinção clara dos acontecimentos no tempo presente, o que nos remete a dificuldade de se compreender os acontecimentos no calor de sua ebulição.(VIOTTI, 1990, p.478)*

Tendo esta percepção como ponto de sua análise, ela vai tentar apresentar nestes dois últimos capítulos, não apenas a crise do modelo monárquico, mas também a disputa de representação que ocorreu dentro da sociedade brasileira a partir das últimas décadas da Monarquia e também nos primeiros anos da República. Ela vai apresentar a visão dos contemporâneos em relação aos golpes republicanos.

Já no estilo literário, foram escolhidas as obras de Machado de Assis por ele ter um estilo literário conhecido, e considerado por muitos o maior escritor brasileiro de todos os tempos e um dos maiores escritores do mundo, enquanto romancista e contista. Ele tem inspirado muitos escritores brasileiros ao longo do tempo, e por ser um autor realista, que viveu no tempo da transição da Monarquia à República. Machado pegava os fatos decorrentes de sua época e os transformava em literatura, dando a eles ficção, mas sem fugir da realidade.

Portanto esta discussão proporciona uma relação interdisciplinar que enriquece e amplia a compreensão acerca do período, neste sentido a concretização desta pesquisa possibilita uma integração entre duas áreas do conhecimento, que embora possuam epistemologias distintas, se relacionam dentro de um mesmo campo que é a narrativa. Esta pesquisa poderá servir como um instrumento de conscientização frente aos alunos de que várias áreas da licenciatura se relacionam e se complementam na formação educacional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Iaiá Garcia**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, Brasília, INL. 1975.

\_\_\_\_\_. *Memorial de Aires*. São Paulo: Martim Claret Ltda, 2007.

\_\_\_\_\_. *Esau e Jacó*, Obra Completa VOL. I, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. *Obras primas da Literatura brasileira* 3 ed. São Paulo: editora formar ltda, 1899.

COSTA Emitia Viotti, *da Monarquia à República: momentos decisivos*/Emitia Viotti da Costa, - 7. Ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CARVALHO, José Murilo de, 1939 – *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*/José Murilo de Carvalho – São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_, **A Formação das Almas; imaginário da república no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger – *A história cultural entre práticas e representações*, Lisboa Difel, 1990

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis In: **A Literatura no Brasil**. 4 ed. São Paulo:Global, 19997.

HOLANDA, Sérgio Buarque – *O Brasil Monárquico v.4; declínio e queda do Império* – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque – *O Brasil Monárquico*, v. 5: do império à republica – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

LINHARES, Maria Yedda – *História Geral do Brasil* – 9. Ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy Pesavento. *Historia e Historia Cultural*-2ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica 2004.

FAORO, Raymundo, **os donos do poder: formação do patronato brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Globo 2001.

FAUSTO, Boris, **História do Brasil** 11 ed. São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 32 São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

JÚNIOR, Caio Padro, **História econômica do Brasil**. 45 reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SOUSA, José Galante de. **Machado de Assis e outros estudos**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979.